FENOMENOLOGIA, QUIASMA, ESCAPO, EM TEMPOS PANDÊMICOS

Tereza Ramalho de Azevedo Cunha (FCA/UFMT) – tezramalho5000@gmail.com
Luiz Augusto Passos (PPGE/UFMT) – passospassos@gmail.com
GT 14: MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO

Resumo:
A teoria fenomenológica em Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), instaura concepções sem o contágio de correntes positivistas e idealistas: mostra, entretanto, o fluxo vital de fenômenos percebidos no logos, na história, na liberdade, no escapo, na corporeidade feita de (chair), na relação com a carne do mundo. O corpo, livre da consciência objetivada, sendo pleno de subjetividade, é feito do mesmo estofo do mundo. Ele mesmo, além de produzir sentidos aos acontecimentos, já é dotado de sentido. Neste cenário, o Quiasma contendo o si de toda alteridade, é reversibilidade identificada pelo filósofo francês como entrelaçamento de dois mundos, do eu e do alter, ambos portadores de duas aberturas, dois segmentos de "reuniões", "dois palcos", dois "antros", conforme o denominam os pesquisadores dessa linha filosófica. (R. SANTOS, L. GUTEVIL; A. DA COSTA; L. A. PASSOS). A pesquisa segue numa abordagem acerca do isolamento em tempos de pandemia, cujos fazeres e imaginação se expressam nos interiores de moradias onde as pessoas tornam-se habitantes percipientes de um "mundo percebido". Apropriadamente, o conceito merleaupontyano de Escapo é revivido, apontando para a criatividade e produtividade de mulheres e homens em situação.
Palavras-chave: Fenomenologia/Mundo Percebido. Corpo/Quiasma. Tempos Pandêmicos. Escapo/Criatividade/Produtividade.

1 Introdução

A Fenomenologia erigida por Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), é utilizada em diferentes áreas das Ciências Humanas, oferecendo meios perceptuais que se estendem às ciências, aos sistemas abertos, à criação artística, à criatividade da Natureza. Trata-se de uma corrente do pensamento que liberta a consciência de amarras convencionais proporcionadas por ideologias tanáticas sendo até mesmo renascentes, no século atual. Supõe-se que tais estudos animam o aprofundamento de concepções relacionadas a este campo de conhecimento, igualmente nominado, Filosofia da Existência e/ou da Corporidade.

Para o presente estudo utiliza-se o método transdisciplinar que compreende o conhecimento e suas problematizações de forma plural, tendo contribuições de campos diversos sem a hegemonia de saberes; ocorre o descarte de ideias fechadas pois é admissível haverem outras manifestações que podem ser entrevistas nos processos de significação.

Tal escolha justifica-se pela colaboração de concepções da fenomenologia merleaupontyana em conjunto com as proposições do método heurístico, por meio do qual, são privilegiados caminhos de invenções e descobertas na abordagem de objetos de pesquisa. Todavia, se fazem imprescindíveis os diálogos com as premissas do método libertador de Paulo Freire (1921-1997); do mesmo modo, tornam-se indispensáveis, as orientações metodológicas da semiótica discursiva em Algirdas Julien-Greimas (1917-1992), cujos conteúdos podem dar aporte às descrições densas.

Este trabalho tem como objetivo mais amplo problematizar os conceitos de fenomenologia na relação com fatos proporcionados por uma situação pandêmica que continua causando abalos às comunidades. Nesse sentido, busca-se apreender os elementos que os fazem significativos enquanto processos educacionais, reveladores de criatividade e produtividade, a partir de relações quiasmáticas do corpo humano com o mundo.

Estruturada em dois segmentos, esta produção aborda primeiramente alguns elementos fundamentais de fenomenologia. Os textos que se referem aos conceitos são mantidos com fidelidade, da maneira como os seus autores os conceberam, pois eles falam com melhor precisão e expressão. Houve também o cuidado de mantermos as atenções para o fluxo de sentidos que os perpassa. Afirmamos tratarem-se de estudos reflexivos do campo filosófico tendo em vista os acontecimentos atuais que tocam o humano.

O segundo segmento desta estrutura, expõe um discurso no estilo de crônica que detalha com clareza os efeitos devastadores de situações interrelacionadas, que transcorrem presentemente em nosso país. Além da fatídica expansão da pandemia, constatam-se outros agentes igualmente tanáticos, da ordem político-governamental e de regimes totalitários que proporcionam prejuízos à vida nas cidades e nas florestas.

Em outra perspectiva, o texto de performance realista mostra que os fenômenos estão a favor das pessoas em situação, pois reagindo a esses fatos ocorrenciais, elas realizam percepções, reflexões e fazem uso da criatividade.

2 Fenomenologia

A fenomenologia é o estudo das essências e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas

a fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, (...) onde homem e mundo são compreendidos a partir de sua "facticidade". (FP, 2006, p. 01).

Trata-se de uma filosofia transcendental que se mostra inconclusa para a compreensão das afirmações da atitude natural: não obstante, é um campo filosófico para o qual o mundo já está perenemente ali antes da reflexão como presença intransferível, pois o esforço consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo e o finalmente dar-lhe o estatuto filosófico.

> Retornar as coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem primeiramente nos aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho. (FP, 2006, p. 4).

O mundo está ali antes de qualquer análise que eu possa fazer dele, e seria artificial fazê-lo derivar de uma série de sínteses que ligariam às sensações, depois os aspectos perspectivos do objeto, quando ambos são produtos da análise e não devem ser realizados antes dela. (FP, 2006, p. 5).

3 Mundo

Merleau-Ponty faz uma distinção entre mundo e universo. O universo construído pela ciência é "uma totalidade acabada, explícita onde as relações são feitas de determinação recíproca" (PP 85), ao passo que o mundo de nossa vida, meio de nossa experiência e de nossa ação é "uma multiplicidade aberta e indefinida onde as relações são de implicação recíproca" (id.), não um objeto "sem fissuras e sem lacunas", mas antes, uma "obra inacabada", de acordo com a concepção do filósofo N. Malebranche do século XVII, portanto, o mundo não é puro objeto de pensamento, mas o estilo universal de toda percepção possível, "ou o conjunto de nossa experiência do ser sensível e dos homens". (DUPOND, 2010, p. 54-55).

O filósofo francês, do século XX, enfatiza dois aspectos de ser do mundo. O primeiro é a facticidade; "não há pensamento que supere o fato do mundo. O segundo é a individualidade: o mundo é um indivíduo que abarca tudo; de individualidade absoluta; não se pode conceber nada que a ele não pertença". (DUPOND, 2010, p. 55-56).

4 Fenômenos

Carmo, em sua bem cuidada obra, observa que em Fenomenologia a consciência é sempre consciência de alguma coisa, e o objeto é sempre objeto para uma consciência. Não obstante, neste campo da filosofia não existe o objeto em si destacado de uma consciência que o conhece. O objeto é um fenômeno.

De acordo com a definição do filósofo alemão Martin Heidegger, fenômeno significa aquilo que se mostra, que está revelado, "tal como é" sem aparência ilusória.

O vocábulo fenômeno em sua origem do latim Phaenomenon, vem do grego Phainomenon, "o que é visto, o que surge aos olhos" de Phainesthai "aparecer", relacionado com Phos, "luz", "brilho".

Existe uma tarefa filosófica que se destina à *descrição densa* de fenômenos e tal método se opõe a ideia de explicá-los: explicar seria um artifício, pois o descritor dependeria das proposições da ciência que em sua dimensão clássica, já apresentaria, verificações, cálculos, e observações a priori. A descrição densa abarca dentre outros fatores, as tentativas de reconstituição de sentidos a partir de observações pessoais, secretas, até mesmo visíveis/invisíveis. Nesse caminho, *descrever* significa abordar, cingir o fenômeno, "da perspectiva do homem que o vivencia da maneira como ele, o fenômeno se apresenta à consciência" (CARMO, 2007, p. 22).

5 Quiasma

Quiasmo ou Quiasma (em grego: Xiázw. Chiátso), formado com a letra X"). Etmologicamente, o termo tem origem no grego Khiasmós, na forma da letra grega Khi (X). Enquanto conceito de linguagem refere-se a algo que se dispõe de forma cruzada. Essa noção é usada em diversos campos de conhecimento, a exemplo de literatura, filosofia, estudos bíblicos, antropologia, musicologia, criação visual, teatro; em biologia o termo é empregado para descrição de estruturas do tipo orgânico, biológico.

Merleau-Ponty faz intervir a noção de quiasma cada vez que é pensado não a identidade, não a diferença, mas a identidade na diferença (ou a unidade por oposição) de termos que habitualmente são tidos como separados, tais como o vidente e o visível, o signo e o sentido, o interior e o exterior cada um dos quais só é ele mesmo sendo o outro. (DUPOND, 2010, p. 63).

O conceito de quiasma recolhe a verdade fenomenológica da distinção entre o sentido de ser da interioridade e o sentido de ser da exterioridade, recusando ao mesmo tempo considerá-

los como separados ou separáveis (opus cit.). Esses sentidos estão na membrana ontológica da carne do mundo.

De acordo com Santos, R.; Gutevil, L. Merleau-Ponty, esses autores identificam e comparam a reversibilidade do quiasma com uma espécie de dobradiça que entrelaça dois mundos sendo ao mesmo tempo a presença de suas ipseidades[1]. A despeito de estarmos ligados por um tecido, carne da mesma carne, entre nós não há coincidência absoluta que viria dissipar nossas singularidades. O eu e o outro, dessa maneira são dois antros, duas aberturas, dois palcos, onde algo vai acontecer e ambos pertencem ao mesmo mundo, ao palco do ser" (M. P. 2014, p. 138).

O Quiasma entrelaça o eu e o outro no mesmo tecido carnal do mundo sensorial, chama a atenção para o fato dessa membrana ontológica não se constituir somente da troca entre o eu e o outro, mas também troca de mim e do mundo, do corpo fenomenal e do corpo objetivo próprio, do que se percebe e do percebido (MP, 2014, p. 200).

"Nós nos colocamos tal como o homem natural, em nós e nas coisas, em nós e no outro, no ponto onde, por uma espécie de quiasma tornamo-nos os outros e tornamo-nos mundo." (MP, 2014, p. 157).

Quiasma também se determina entre o "para si" e o "para outrem". O para si não é pura interioridade e o "para outrem" não é declínio por objetivação, da interioridade em exterioridade: eles são o outro lado um do outro (V. I. 317). Por isso "relação com outrem e comigo são entrelaçadas e simultâneas" (MP, VI, p. 252).

A obra filosófica de Merleau-Ponty é acentuada por uma densa relação estésica com a pintura moderna e o olhar dos pintores: ambos, poéticas de pintores e a pintura, percepcionados pelo olhar fruidor que os interroga, é por eles igualmente interrogado, sem a interferência da razão canonizada.

Citamos a narrativa do pintor fantástico, Paul Klee[2], a partir de vivências quiasmáticas com os seres de uma paisagem.

[1] Ipseidade (do latim haecceitas. Atis) substantivo masculino. Aquilo que é determinante para diferenciar um ser de outro(s); o atributo próprio característico e único de um ser que difere dos demais.

[2] Paul Klee (1879-1940) pintor suíço, desenhista, poeta, naturalizado alemão; considerado o pai do abstracionismo; suas obras de arte situam-se em três correntes artísticas; expressionismo, cubismo, surrealismo fantástico. Foi professor da Bauhaus, escola de formação em design, interrompida pelo nazismo na década de trinta, associou-se a grupos de literatura e de arte como o "cavaleiro azul" iniciado em 1911 por F. Marc e W. Kandinsky.

“Numa floresta senti várias vezes que não era eu quem olhava a floresta. Senti, em certos dias que eram as arvores que me olhavam... Eu estava lá à escuta... creio que o pintor deve ser trespassado pelo universo e não querer trespassá-lo... Aguardo ser interiormente submergido ou enterrado. Eu pinto talvez para me emergir”. (MP, OE, 1998, p. 29).

O filósofo francês diz haver inspiração e expiração do ser, respiração do ser, feita até mesmo por seres de aparência inanimada; ação e paixão tão pouco discerníveis, porquanto não se sabe quem vê e quem é visto, quem pinta e quem é pintado.

As árvores da paisagem de Paul Klee, dotam-se do sentido do ser e da vida, participam do movimento da existência (FP, 187).

Tal fenômeno pode ser visto pelo olhar do pintor pois esse olhar é um nascer contínuo no encontro com o mundo.

“O objeto percebido é animado de uma vida secreta”, ele é um organismo de cores, de odores, de sons, aparências táteis (FP, p. 48). Dessa vida secreta, a tomada de consciência intelectualista, carece, pois ela não chega até esse tufo vivo da percepção (id.).

Quiasma é entrelaçamento, reversibilidade, designam uma estrutura ontológica que a Fenomenologia da Percepção esboça.

6 Escapo

Na Fenomenologia da percepção, a noção de escapo designa a operação pela qual as pessoas dão um novo sentido a uma situação recebida, natural ou histórica e, assim, transforma-a inventando um futuro: “tudo aquilo que somos, nós o somos sobre a base de uma situação de fato que fazemos nossas e que a transformamos sem cessar por uma espécie de escapo que nunca é uma liberdade condicionada”. (MP, FP, 2000, p. 221).

O escapo depende de uma “potência aberta e indefinida de significar que é um “fato derradeiro”, que entra na definição do homem. (opus cit.).

“O escapo exprime ‘produtividade’ (MP, FP, 2006, p. 229) humana sendo a capacidade de criar sentido, seja pelo fato de dar sentido ao que ainda não tinha, seja passando de um sentido primeiro para um sentido segundo ou figurado por gênio do equívoco”. Dele depende a

Nota: textos utilizados a partir da obra: Dupond, Pascal. Vocabulário de Merleau-Ponty. Trad. C. Berliner, SP.: Martins Fontes, 2010.

invenção de sentido mediante a qual a evidência sensível passa para a geometria (DUPOND, 2010, p. 21).

O escapo é uma transcendência que conserva em si o que ultrapassa e sempre pode a ele voltar por regressão. Por isso, todo fenômeno humano carrega a dupla marca da natureza e da história: "o homem fica enraizado na natureza no momento que a transforma pela cultura" (MP, FP, 2006, p. 231).

Segundo Segmento: Pandemia

PAN-*DEMIA* (DEMOS: povo) – Adoentamento de todas as pessoas. É uma palavra grega cujo sentido diz da contaminação de pessoa a pessoa, abrangendo uma doença planetária pela convivência de um planeta compartilhado. A partir da doença expressa por ação de bactérias, vibriões, vírus e outros organismos ativos, põe em risco, no nosso caso, o Planeta Terra. As comunicações, as formas de interação, mas sobretudo os interesses de restringir as riquezas a um número sempre menor de pessoas, pela diminuição das águas, terra, ar, gerou enormes investimentos em formas de produzir não apenas a destruição em massa, mas sobretudo, eliminar toda a diferença em humanos a qual se presumia a inferioridade atribuída a qualquer vida ou ser, que restringia ou suprimisse toda expressão daqueles corpos, como doentios, perigosos, contaminadores, por alterar de forma básica o padrão da humanidade única, desejada, e idêntica para todos e todas. Imaginava-se que a reprodução de modelos anômalos à visão tipificada para os humanos, degeneraria a natureza, impedindo a capacidade de sobrevivência e adaptação, que ameaçaria a vida de qualquer outro ser considerado normal e são. Ademais, doenças inoportunas tornassem as gerações posteriores menos resistentes, eliminando a vida. Na verdade o crescimento de consumos menos adequados geraram formas de doenças, que nos tornaram menos resistentes. O consumo indiscriminado de produtos não equilibrados pelas exigências de ampliar a escala deles para uso universal, gerou venenos, tóxicos, agrotóxicos, contaminantes do ar, das águas, das plantas e terminaram gerando e nos vitimando por doenças não raramente também produzidas em massa, como fórmulas farmacêuticas, que ampliaram doenças, intoxicações, choque anafiláticos, e morte. O interesse econômico na aquisição deles, oportunizou mortes frequentes e incomuns de crianças, idosos, enfermos, de forma que o índice de menor tempo de vida, expandiu mortes de seres cuja infecção, contaminação, envenenamento, sequer é possível posto que o conjunto de interações oportuniza mutações frequentes e mortes, de difícil investigação ou diagnóstico.

As pesquisas demonstraram que, inclusive, a alimentação inocente dos supermercados para alimentação infantil a qual é referência para evitar episódios de alergia, choque anafilático da contaminação, na verdade é falsa a presunção de sua neutralidade, não contaminação, por acreditar que sendo para seres no começo de suas vidas, fosse destituída de agrotóxicos e similares. Não são. A própria ANVISA divulga, a não possibilidade de poder vistoriar, mas informa que os consumidores, sejam bebês, crianças ou adultos que buscam uma alimentação menos contaminada, orgânica e sem venenos, a própria ANVISA, diz que não é assim. Há crianças adoecidas, com doenças evitáveis, pela absoluta proibição de exibir o que existe de perigoso na alimentação que causa desde alergias pequenas até envenenamento grave, e alteração celular, com risco de morte, em face de que nos últimos anos, toda a informação concedida restringia o consumo e interesse econômico dos produtores. Algumas comidas infantis constam por volta de 3 aditivos, que não servem para consumo humano. Mas, há também produtos que possuem mais do que 10 destes produtos proibidos de poderem ser vendidos em outros países. Se inexiste tecnologias para poder efetivamente informar sobre os riscos, o pior é que grande maioria dos produtos repercutem no campo biológico e emocional, geram disritmia, retardamento mental, perda de conexão de conhecimento cerebral, e morte subida sem que se tenha todas as informações do diagnóstico destes produtos interditados para consumo humano.

Vivemos momentos, em que todos os produtos eram obrigados a declaração: mas as formas como o atual anterior e atual governo desregulamentou sob pressão dos grandes grupos internacionais que tinham estoques proibidos de poder serem vendidos ou comprados, terminaram interditadas as informações. De outro, hoje é possível ver que tudo o que causa morte, estraga, produz chamas, queima a terra, animais, florestas, contamina e seca a água, causa o desaparecendo dos rios, é feito como estratégia, desinformada. Por outro lado, o não uso da vacina, em plena pandemia que atinge a grande maioria dos povos e nações, no país, sofre continuamente alterações, sem uso de máscaras, etc. Efetivamente isto deu origem à morte por genocídio premeditado, sobretudo em formas veladas ou explícitas, lesando populações autóctones, que se constituiam em culturas ancestrais únicas, e estas têm sido dizimadas e matadas levados à morte, pela frivolidade, dos que usam por exemplo mercúrios em águas de rios e próximos a garimpos. Por último é preciso saber que, estamos sim, com interesses da energia do país, no carbono, na contaminação por agrotóxicos, por uso de desfolhantes e secantes usados na guerra do Vietnam, e que hoje são usados como formas e de genocídio.

Hoje com ajuda inclusive internacional pela consciência de países que sabem que as condições de degradação não permanecerão só em um lugar, no planeta, mas que as formas se ampliam, e, em face do absoluto desgoverno no país, tanto por interesse da burguesia, como pelos interessados em fazer desaparecer pessoas, em escala avançada, inclusive com contaminação do vírus, e diminuição de oxigênio feita padronizada para matar as vítimas; O caso de Brumadinho torna visíveis apenas informes genéricos: Em Brumadinho, depois de muita investigação, constatou-se que o interesse de grupos ingleses era de usar tecnologia para implodir a represa, matar milhares de pessoas, desavisadas, cujos fatores de segurança e aviso foram desativados e desligados (Agência "A Pública"[3]). Os recursos até então demandados de dívida pública no processo com laudo da polícia ainda não concluídos pela polícia mostra que a dívida hoje do hospital SENIOR é de 70 bilhões para Minas Gerais, que sequer incluem as pessoas que foram chacinadas. Recentemente em nome da saúde dos que trabalhavam nas selvas, picados por mosquitos e piuns, foram distribuídos a estas pessoas casacões com agrotóxicos mortais.

A importância desse informe, que toma duas ou três anotações é trazer alguns sintomas sociais e políticas, que encobrem em diversos momentos como se fora um "vírus" o responsável último da morte de pessoas, seu desaparecimento. Vale repetir o *Tao da Física*, quando Fritjof Capra dizia explicitamente, que sofre muito mais um vírus na mão de um humano, do que um humano na mão de um vírus.

Nós somos os responsáveis últimos por termos gerado uma cultura que se aproximou da força, da guerra, do ódio contra a diferença e sobretudo encontrou na fraqueza, na pobreza, na doentia concentração de bens, e o que é mais grave, na invisibilidade daqueles que viam concentração na economia, nas águas, nas energias nos recursos, nos alimentos, nas ajudas da natureza à cura; ao mesmo tempo no extermínio de todas as espécies que podem acumular riquezas, voltadas exclusivamente a manter os bens contabilizados nas mãos dos que aprenderam a somar e não a dividir.

A epidemia hoje perdeu o controle pois se conseguiu dirigí-la para um ponto de concentração dado para a maior quantidade de vítimas da pandemia. Parecia invisível, mas o custo social, a perda alimentada pela política e pela concentração de capitais nas mãos dos mais ricos, deixaram claro, que ela era – outra vez – a vida de poucos à custa da morte infinitamente

[3] A PÚBLICA é agência de jornalismo investigativo feito por Mulheres.

maior dos mais empobrecidos e que, por sua invisibilidade inicial, não contabilizada, mostrava que as operações de intervenção, inclusive do Estado, eram de genocídio.

Já se trata de uma geopolítica da guerra. Já se trata de uma guerra pelo espaço no globo, mas sobretudo pelas reservas de subsolo, reservas de mares, águas, doces e salgadas, reservas para fins estratégico-táticos, nióbio, lítio – ouro branco- e diamante, não raro voltados à morte e não à vida. São processos que mostram que os agravos tendem, somente agora, com a consciência pública e mobilização dos setores populares, em vista da recomposição da democracia ainda que de forma gradual a cada dia menos lenta, poderá mudar o panorama pela ação educativa, pelo sistema de justiça desbloquear os criminosos apátridas, por manterem uma pseudo-justiça nas mãos de criminosos "legais". Ao mesmo tempo, a sociedade tem adquirido consciência de que não é mais suportável, o conjunto de cargas econômicas, sociais e jurídicas, que sempre recaem sob as mãos daqueles que se reelegem e exterminam as vítimas. Eleitos legitimam os saques e as formas de usurpação para que tudo dê errado. A ganância, a exploração, concentração de recursos, demonstram com clareza que, não há como poder corrigir as desigualdades e as formas de extermínio daqueles enfraquecidos pela pobreza, pela antipolítica em curso, contra a economia de restrições e exclusões, e os níveis de medicamentalização, toxidades administradas em águas consideradas de consumo, e 'justiçamento' imperantes, pelos que possuem privilégios do sadismo clássico: punem as vítimas, para legitimar suas razões de desigualdades caiadas. Os Sem-terra, sem-teto, sem razão, sem água, sem escolas, sem trabalho, sem proteção social, sem justiça; sem direito a defesa, sem vacinas: e sobretudo despidos para sofrerem chacinas! Não era essa a condição originária dos seres vivos. Quem elegeu os privilegiados amparados pela empulhação: não fomos nós. Paradigma vitorioso: privilegiados contra os empobrecidos, continuamos invisíveis.

A Academia, em sentido estrito e lato, precisa como nunca, não ser inútil, ou frágil em sua ciência. Suscitar o conhecimento decente e a ciência a serviço das pessoas. Cientistas, pesquisadores, professores de mérito que se debruçam há muitos anos buscando compreender o que somos enquanto humanidade no Planeta. Ciência segura, sem formalizações inúteis, sem agravos ou escravidão. Permita vida com qualidade, saúde, comunhão por comunhão e carinho com resultados. Não se poderiam, com certeza todos/es terem a mesma abrangência em tela. Como foi possível por autores sem rostos conhecidos, acompanhar, em nível de sistema histórico e pré-histórico o conjunto das formas que nos fizeram emergir como seres criados e feitos por outros seres, pelos que nos precederam, confiaram, abriram as portas para nossa presença marcante no mundo e no universo. Somos poucas pessoas que alcançaram este

momento no qual é o universo que desaba a nossos pés. Não é mais possível continuar o conjunto de investidas contra todas as formas de seres e suas diferenças. Não é mais possível pensar vitória quando o universo soçobra e nos ameaça de extinção, quer pelo que fizemos ou deixamos de fazer a ele.

É preciso rever nossa direção. Manter o rumo; do contrário isso nos levará à desgraça e à extinção de toda forma de vida, na Terra. O grau de endurecimento das pessoas atadas ao capital, com excesso de recursos, meios, tecnologias e armas sofisticadas, que usam o vírus e suas mutações como arma, diminuição de oxigênio, destruição das espécies nativas, criar espécies ressecadas, sem duração. Os níveis da água, os níveis do ar, a contaminação de gases, os combustíveis fósseis, desnecessários para se ter energia limpa. Acabem os combustíveis fósseis, petróleo pois é preciso um projeto social em favor de toda forma de vida. Não existiremos se a humanidade continuar no mesmo caminho, sem mutações. Superemos essa cultura do desperdício e da morte, contra a cultura do cuidado, da vida, do carinho, do apoio, da simplicidade, da meditação, dos elementos que garantam as formas de cultura em sua plena liberdade: de se expressarem de suas formas originais.

Há fenômenos a nosso favor. Apesar de tudo. O Escapo ou as escapatórias, que se abrem em fissura e quebram os paradigmas da repetição. As descontinuidades que flexibilizam. Sempre a favor da recriação com arte, na qual se busca o incogitável, onde ele não estaria, mas nos aguarda ao repouso. O fenômeno se antecipa a nós. É da natureza corporal que emergem as coisas que aparentemente, ali, não estão, antes que elas mesmas se mostrem face a face conosco como *fai noumenon* (fenômeno) - aqueles que se dispõe a se apresentarem a nós. Transparecem e resplandecem *numinosamente* ensolarados, para emergir de um universo sem solidões. Os fenômenos não somos nós que os perscrutamos, antes são eles que se parturizam a nós. E, se colam a nós, em um mundo de expectativas para quem se permitir apreender e enchergar. Não é como um objeto inerte a ser retirado de uma arca. Demanda um olhar de expectativa e espera. Demanda, ainda, um golpe de vista que de certa forma nos põe a nu em face da alteridade. Teilhard de Chardin, no seu texto chamado *Missa por sobre o mundo* dizendo a Deus na matéria do mundo, representado à hóstia que Teilhard não mais tinha. Dizia a Deus: "*Muitos te chamam Espírito, eu te chamo Matéria*!" Teilhard coincide em totalidade com Merleau-Ponty. A Matéria precede em tudo o espírito e o pensar. O idealismo evaporado é o avesso da fenomenologia. O materialismo também, com frequência, se despe de sua transcendente imanência, imaginando-se matéria cega.

O fato é que as operações do nosso corpo são aquelas que mergulham nos sentidos, e nos universalizam muito além de nós. Na qual nada está na solidão, somos rel-Ação. Precisamos nós mesmos de MUTAÇÃO. Buscarmos na diferença, na alteridade o sentido de nós. Acolher o que dissera o poeta quase indígena e ribeirinho, Manoel de Barros: "O melhor de mim, são os outr@S."

Inconclusões

Esta comunicação é destinada aos interesses de pessoas de diferentes etnias, idades, expressões religiosas, opções de gêneros, atuantes em profissões e ofícios diferenciados e que também se assumem como educadores(as) e educandos(as).

Existe um caminho inverso, não contaminado por ideologias tanáticas, diferente daquele que leva às trilhas e trincheiras de uma guerra ideológica, mortífera, conforme as descrições do segundo segmento desta produção: o caminho inverso se abre a lugares em que homens e mulheres tornam-se gradualmente pessoas "em situação", a partir do encontro de uma nova filosofia engajada na noção de existência que os fazem pensar: "A existência, no sentido moderno, é o movimento pelo qual o homem é um ser no mundo, engajando-se numa situação física e social que constitui seu ponto de vista sobre o mundo" (MP, SnS, p. 143).

Não se trata de um caminho de flores e perfumes: há de se ter embates, arranhões; hão de surgir confrontos pelas consciências em favor de lutas sociais, autonomistas e emancipatórias; lutas que acreditam nas mutações, nas transformações do conhecimento, modos de pensar e agir, escolhas de métodos libertários que podem excluir estereótipos, repetições vazias de significados e não raro, signos opressores da vida. As relações quiasmáticas com as coisas do mundo devem implicar numa radicalidade de perspectivas, a fim de que se refinem as percepções de âmbitos ainda não vistos pelos óculos da cultura que usamos no cotidiano. O caminho inverso é pleno de subjetividades e escapatórias, tendo pacto com a ciência/filosofia/arte/ternura.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia.** Trad. da 1ª Edição brasileira, coordenada e revista por Alfredo Bosi. Revisão da tradução e tradução dos novos textos: Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ANDREOLA, Balduino. **Mundo.** Dicionário Paulo Freire. (Org.). D. R. STRECK, E. REDIN, J. J. ZITKOSKI. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. P. 282/283.

CARMO, Paulo Sérgio. **Merleau-Ponty:** uma introdução. São Paulo: Educ., 2000.

COSTA, Alexandre Rodrigues da. **O quiasma e a experiência da infinitude nas obras de Rainer Maria Rilke e Clarice Lispector**. Brasília, UNB, Revista de Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n. 53, p. 369-386, jan/abr. 2018.

CUNHA, Tereza Ramalho de Azevedo. **Educações:** Leituras e Vivências Bibliográficas em Merleau-Ponty: Itinerários do olhar fruidor. 2019. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá-MT, 2019.

CHAUI, Marilena de Souza. **Convite à Filosofia.** 14 ed., São Paulo: Ática, 2012.

DICIONÁRIO PAULO FREIRE. Org.: STRECK, R. D., REDIN, E. ZITKOSKI, J. J. 3. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty.** Trad. Claudia Berliner; rev. Tec. Homero Santiago. São Paulo: Editora WMF; Martins Fontes, 2010 (Coleção Vocabulário dos Filósofos).

FISCHER, Nilton Bueno; LOUSADA, Vinicius Lima. **Risco.** Dicionário Paulo Freire. (Org.). D. R. STRECK, E. REDIN, J. J. ZITKOSKI. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. P. 363/364.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Cortez, 1995.

GREIMAS, Algirdas-Julien. (1917-1992). **Sobre o sentido; ensaios semióticos.** Tradução de Ana Cristina Cruz Cesar e outros. Revisão técnica de Milton José Pinto. Petrópolis: Vozes, 1975.

LANDOWSKI; GREIMAS. **Interações Semióticas.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice, (1908-1961). **O primado da percepção e suas consequencias filosóficas.** Trad. Silvio Rosa Filho e Thiago Martins. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

_____. **A prosa do mundo.** Edição e prefácio de Claude Leford, trad. de Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. 1908-1961. **Conversas - 1948**/Maurice Merleau-Ponty; organização e notas de Stéphanie Ménase; Trad. Fábio Landa, Eva Landa; Rev. Tradução Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **A natureza**: curso do Collège de France/ Maurice Merleau-Ponty; texto estabelecido e anotado por Dominque Séglard; Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **A estrutura do comportamento.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Signos.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **O olho e o espírito.** Textos estéticos II. Trad. Marilena de Souza Chauí Berlinck. 1. ed. São Paulo: Os Pensadores, Abril Cultural, 1975. P. 274-301.

_____. **Psicologia e Pedagogia da Criança**. Curso da Sorbonne 1949-1952. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O visível e o invisível.** Trad. José Artur Gianotti e Armando Mora de Oliveira. 4. Ed., São Paulo: Perspectiva, 2014.

NOBREGA, Terezinha Petrucia da. **Merleau-Ponty:** o Filósofo, o corpo e o mundo de toda gente! UFRGN. Departamento de Educação Física. Grupo Corpo e Cultura de Movimento. Programa de Pós-graduação em Educação.

OLIVEIRA, Ana Claudia de. **Sentido e Interação nas práticas:** comunicação, consumo, educação e urbanidade. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

PASSOS, Luiz Augusto; CUNHA, Tereza Ramalho de Azevedo. Plumária de povos nativos: carnalidade-corpo próprio e sinestesia. In: Elni Elisa Willms, Marcos Beccari, Rogério de Almeida (Orgs.). **Diálogos entre arte, cultura & educação.** São Paulo: FEUSP, 2019, p. 331-374.

_____. **Currículo, Tempo e Cultura.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

PASSOS, Luiz Augusto; CUNHA, Tereza Ramalho de Azevedo. Carl Gustav Jung, Nise da Silveira, Maurice Merleau-Ponty e Paulo Freire. **O Diálogo Emancipatório com Pessoas em Opressão.** Cuiabá, 21 de junho de 2021.

PRIGOGINI, Ilya. **As Leis do Caos**. São Paulo: UNESP, 2017.

SANTOS, Renato dos. **O quiasma do mundo. A questão da alteridade em Merleau-Ponty.** Curitiba: CRV, 2017.

TROMBETTA, Sergio; TROMBETTA, L. Carlos. **Ética.** Dicionário Paulo Freire, D. R. Streck, Euclides Redin, J. J. Zitkoski (Orgs.). 3. ed., p. 166. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.